

5 Conclusão

O objetivo principal deste trabalho foi estudar a relação entre a tolerância ao risco e alguns traços de personalidade no Brasil.

Os resultados obtidos apontaram para a existência de uma relação significativa entre a tolerância ao risco de um indivíduo e alguns de seus traços de personalidade utilizados na pesquisa. Isto equivale a dizer que a tolerância ao risco pode ser explicada em parte pela personalidade. Tais resultados confirmam, de uma forma geral, estudos similares anteriores e o modelo proposto por Irwin (1993), que atribui à tolerância ao risco fatores biopsicossociais (endógenos), ambientais (exógenos) e de precipitação (predisposição).

O primeiro modelo estudou a relação entre a tolerância ao risco e os gêneros psicológicos. Este constatou a existência de uma relação estatisticamente significativa positiva entre a masculinidade e a tolerância ao risco. Viu-se que quanto maior o escore de masculinidade, maior a tolerância ao risco.

O segundo modelo estudou a relação entre a tolerância ao risco e os traços de personalidade. Este constatou a existência de uma relação estatisticamente significativa positiva entre a Estabilidade Emocional e a tolerância ao risco. Viu-se que quanto maior o escore de Estabilidade Emocional, maior a tolerância ao risco.

Quando considerado no modelo de regressão os traços de personalidade e os de gênero psicológico, verificou-se que a masculinidade, a androginia e a Estabilidade Emocional se relacionavam de forma estatisticamente significativa e positiva com a tolerância ao risco. A androginia neste modelo passou a ser significativa. Isto ocorreu possivelmente devido a correlação entre os traços de gênero psicológico e de personalidade.

Sob o ponto de vista da existência de uma relação significativa entre a personalidade e o risco, este trabalho corrobora com o resultado dos estudos similares anteriormente analisados de Lauriola e Levin (2001), Durand, Newby e Sanghani (2008) e Durand, Newby, Peggs e Siekierka (2013). Entretanto, algumas particularidades devem ser destacadas. Existe, por exemplo, divergência entre os

traços de personalidade determinados como significantes. Além disso, o sinal da significância também divergiu.

Contudo, considerando-se o modelo proposto por Irwin (1993), que atribui à tolerância ao risco diversos fatores biopsicossociais (endógenos), ambientais (exógenos) e de precipitação (predisposição), uma simples mudança de amostra seria suficiente para alterar os resultados. E, nesse caso, os estudos analisados diferem não só quanto as características da amostra, mas também quanto aos questionários aplicados, à metodologia utilizada e até mesmo quanto à análise dos resultados.

Além das limitações mencionadas acima, que são inerentes ao estudo da tolerância ao risco, foram encontradas outras limitações próprias deste estudo, como o uso de uma amostra por conveniência, bem como o seu tamanho relativamente pequeno. Mas espera-se o fato de deste estudo corroborar com a ideia de outros estudos sobre a existência de uma relação significativa entre a personalidade e o risco motive a continuidade de pesquisas sobre este tema no Brasil.

Para trabalhos futuros, sugere-se uma forma de amostragem diferente ou uma mudança na diversificação e tamanho da mesma. O uso de outros questionários ou um jogo de investimento poderia resultar em mais realidade ou fidedignidade dos dados coletados. Por fim, seria interessante a inclusão de mais fatores que afetam a tolerância ao risco, seja na regressão ou apenas como variáveis de controle.